

Abordagens Brasileiras



Diferença e relações de poder na literatura de escritoras contemporâneas: uma análise de “Flor de cerrado”, de Maria Amélia Mello

Liane Schneider*
Glória Gama**

RESUMO:

O presente artigo problematiza as relações de poder e seus vínculos com o sistema de gênero, tanto no que se refere à forma como a temática foi costumeiramente representada em textos literários, como à maneira através da qual a crítica literária *mainstream* tendeu a considerar releituras feministas de tais relações e consequentes tensões. Através da análise do conto “Flor de Cerrado”, da escritora brasileira contemporânea Maria Amélia Mello, texto narrativo que propõe uma discussão incomum sobre a teia significativa que envolve termos como ‘estupro’, ‘violência’, ‘desejo’ e ‘posse’, este artigo tem por proposta elucidar novas formas de resistência no que se refere a interpelações interpretativas promovidas por textos que implicam na desconstrução do poder estabelecido entre os gêneros segundo normas patriarcais.

Palavras-chave: Poder. Escritoras contemporâneas. Gênero. Violência. Diferença.

Representação, identidade e literatura de mulheres

(...) A crítica feminista deve tomar prioritariamente em conta a linguagem e o discurso, porque estes são os meios através dos quais se organiza a ideologia cultural, que pretende converter o masculino e o feminino em signos de identidade fixos e invariáveis, através de uma formação discursiva que, deliberadamente, confunde natureza e significação, para nos fazer crer que “a biologia é o destino”

Nelly Richard, *Intervenções críticas*.

No momento em que teóricas feministas passaram a discutir a representação a partir de perspectivas comprometidas com seus projetos políticos, obviamente esteve presente, desde o primeiro instante, o interesse destas em não mais se amoldarem às imposições que formataram as identidades das mulheres ao longo de décadas ou séculos, quer através de textos, da mídia, de formas de organização social. Inicialmente, questionar a apropriação e construção do feminino pelo masculino, ou seja, a maneira através da qual o masculino buscou construir e limitar social e culturalmente o feminino, algo que se repetiu exaustivamente ao longo da história ocidental, já bastaria como marca de resistência para mulheres que escreviam, pintavam, existiam criativamente, enfim. A representação das mulheres, desenvolvida por elas próprias, surgiu como mudança crucial nesse quadro repleto de tensões. É claro que, para as mulheres em geral, a representação de si mesmas de forma diversa daquela afinada com o imaginário hegemônico e com perspectivas pseudo-homogêneas e massificadas de seus outros surgiu como uma possibilidade de libertação. Se a voz do outro que insistia em construir ‘mulheres’ foi desautorizada, sendo expostas suas contradições, interesses e fraturas internas, então alguma nova construção certamente pôde emergir a partir de formas alternativas de representar tais subjetividades.

Um marco consequente da atuação social, cultural, comunitária de várias mulheres do passado até o presente foi a viabilização de uma **polifonia** onde antes tudo era aparentemente uníssono e

homogêneo. Se ‘mulher’ havia sido um significante relativamente previsível, isso segundo as velhas interpretações binárias de mundo, numa lógica de opostos absolutos e fixos, a partir da emergência de vozes que discordavam de definições limitantes e previsíveis do feminino, ocorreram mudanças radicais nas teorias feministas. Em consequência da reação ao apagamento da diferença feminina imposta pela dita autoridade masculina, não apenas as mulheres reagiram a construções limitantes de suas subjetividades, o que, de fato, ocorreu num primeiro momento, mas também a própria noção de identidade sofreu abalos. Se a identidade se estabelece ‘na’ e ‘pela’ diferença, questão amplamente discutida por Sarah Ahmed em seu livro *Differences that matter* (1998), a diferença é que seria o vetor principal da fórmula de compreensão de mundo utilizada por sujeitos contemporâneos.

É importante considerar que o questionamento de uma sólida categoria ‘mulher’, palpável, unificada, também explodiu com as definições de um masculino homogêneo e estável; ou seja, se analisar o mundo pela perspectiva de gênero modificou as possibilidades de apreensão do feminino, em relação ao masculino deu-se praticamente o mesmo. Contudo, mesmo desbiologizando-se ou desnaturalizando-se esses dois polos do sistema de sexo/gênero e demonstrando-se que as fronteiras entre esses nunca foram tão fixas e impermeáveis quanto se supunha, é fundamental reconhecer que uma força centralizadora, hegemônica, centrípeta continuou e continua a atuar nos grupos sociais contemporâneos, e que essa força ou centro de poder ainda é mais identificado com aquilo que se costumou chamar de ‘masculino’. Obviamente, se o feminino foi, até certo ponto, descorporificado ao longo de teorizações antiessencialistas, a ideia de masculino também deveria seguir essa lógica. Não pensamos aqui, nesse contexto, num corpo masculino com músculos, pelos, tórax ou pênis, e sim, numa organização de significado e poder onde músculos, pênis, enfim, posições da cadeia semântica e social atreladas ao masculino, ainda seriam significantes bastante valorizados. Nesse sentido, não serão simplesmente ‘homens’ e ‘corpos masculinos’ que estarão atrelados a esses locais de poder, de hegemonia, e sim aqueles e quaisquer sujeitos afinados com formas centralizadoras, autoritárias e discriminatórias de organizar a vida social. O ‘masculino’ ou o ‘masculinismo’ passaria, por este viés, a ser muito mais um paradigma existencial, uma forma de organização social oposta a tudo que o feminismo defende ao invés de uma simples representação de um dos sexos. Quando feministas, mesmo dentro da academia, são criticadas por generalizarem tudo aquilo que se opõe a seus paradigmas, aparentemente reforçando um padrão binário de pensamento que atrela o masculino à opressão, é importante esclarecer que este ‘masculino’ destacado é exatamente aquilo que permeia e rege as relações sociais. Tal polo ‘masculino’, atuando de forma conservadora, seria responsável por manter as hierarquias historicamente estabelecidas entre os sexos em sociedades patriarcais, não estando necessariamente vinculado nem sendo defendido, obviamente, por todos os homens do mundo.

Individualmente, tanto homens como mulheres podem questionar a fixidez ligada a esses lugares ‘masculinos’ e ‘femininos’, dizendo-se não identificados com tais práticas antidemocráticas de demarcação de lugar, práticas essas que, de fato, continuam a se apoiar em discursos um tanto retrógrados e/ou patriarcais. Não é possível, contudo, nem mesmo pelo olhar bastante conservador do senso comum, negar que foi o feminismo um dos discursos fundamentais a dar visibilidade a tais áreas de opressão e tensão, oferecendo formas coletivas de se pensar e remodelar identidades de modo mais libertador e plural, inicialmente tendo as mulheres como pensadoras ou proponentes teóricas dessa visão. Se os discursos e a lógica binária embutida nestes continuam sendo a pedra no solado dos nossos sapatos feministas, fazendo com que, por vezes, soemos um tanto contraditórias, a consciência que desenvolvemos de que estamos utilizando “a língua do opressor” (no sentido defendido por Audre Lorde, 1983) torna nossa caminhada menos sujeita a atropelos, surpresas e tombos. Se há homens,

corpos masculinos, que, de fato, estão afinados com propostas mais igualitárias, menos centralizadoras de vida social para indivíduos do sexo masculino e feminino, deveríamos reconhecer que esses não são necessariamente identificados com as propostas hegemônicas de interpelação impostas a sujeitos contemporâneos, propostas essas que se enquadram numa visão masculina de mundo – ou seja, provavelmente tais sujeitos não se encaixam nas definições hegemônicas de ‘masculino’, da mesma forma como mulheres que se rebelam, que questionam os estereótipos impostos de um feminino passivo, privado, doméstico também não se enquadram nas definições hegemônicas de feminino. Há que se considerar, porém, que aqui estamos nos referindo ou pensando nos sujeitos que, de certa forma, estão em posição privilegiada, quer por terem consciência sobre o que poderia oprimi-los, quer por terem condições de extrapolar tais definições limitadoras. Como nos aponta Joan Scott (2005, p. 14), “indivíduos e grupos, igualdade e diferença não são opostos, mas conceitos interdependentes que estão necessariamente em tensão”. Além de nos apontar que ora agimos como grupo, ora como indivíduos, Scott nos lembra que esse jogo de tensões resulta da inevitável diferença entre sujeitos, que implode qualquer noção essencialista de identidade e pertencimento. A teórica ainda nos esclarece que “as tensões se resolvem de formas historicamente específicas e necessitam ser analisadas nas suas incorporações políticas particulares, e não como escolhas morais e éticas intemporais” (SCOTT, 2005, p. 14). Além disso, valeria considerar que, como aponta Ellen Rooney (2006, p. 85, tradução nossa), “identidade e diferença – incluindo-se aí as identidades feministas e a diferença entre elas – têm muito pouco a ver com o que é óbvio ao senso comum, com o já conhecido”.

Contudo, nesse momento em que algumas correntes teóricas se referem a um momento do pós-feminismo, conceito que nos parece deslocado e artificial, já que as premissas do feminismo continuam praticamente as mesmas, sendo ainda perfeitamente necessárias na busca por melhorias sociais quanto à igualdade de oportunidades entre sujeitos, é fundamental abordar representações literárias que se voltam para tais questões e tensões na literatura contemporânea. Assim, quando falamos de uma literatura produzida por mulheres que se interessam por representar a explosão das categorias binárias de raça, gênero, classe, etc., temos consciência de que essa é inevitavelmente uma produção ficcional que está afinada com propostas políticas de reinscrição social para sujeitos contemporâneos. Tentando ilustrar brevemente o que se entende por tal literatura, discutindo como aparece aí representado o sistema de gênero, passamos a analisar uma dessas produções que, a nosso ver, derrubam barreiras que anteriormente sufocavam as posições atreladas tanto ao feminino como ao masculino.

Florescendo no terreno improvável

O conto “Flor de cerrado”, de Maria Amélia Mello, publicado em 1984, prenuncia questões ligadas a desejos, medos e relações de poder construídas coletivamente, e que, não raro, no plano individual, podem mostrar-se extremamente surpreendentes, questões essas que se tornaram bem mais explícitas e frequentes na literatura produzida por mulheres a partir da década de 90. A voz narrativa do conto é feminina, uma mulher que, em sua aparente independência, saindo de uma festa tarde da noite, defronta-se com o imprevisto – uma tentativa de assalto quando caminhava sozinha por uma rua deserta. Quando percebe o que acontece, define a situação, inicialmente, da seguinte forma: “se eu dissesse que o medo nasce no estômago como uma flor de cerrado, deveria acrescentar que nascia uma planta bem no meio da minha barriga, seca como meus lábios e a garganta vazada de vodka” (MELLO, 2000, p. 466). A flor de cerrado é aqui equivalente ao incerto que atropela, o imprevisto que amedronta e surpreende. Contudo, esta narradora até certo ponto amedrontada continua a observar tudo que a cerca com certa frieza – repara no nervosismo do jovem assaltante,

em suas mãos trêmulas ao pegar a carteira, escolhendo só o dinheiro, com um olhar de quem “ia pedir pão (...), trocado para o doce” (p.467). Como reafirma a narradora, essa “foi a primeira troca”, e prossegue apontando que “a vantagem estava com [ela]”. Em seguida, quando ele a olha, ameaçando furar “seu corpinho todo”, o que cresce novamente como a flor de cerrado é o desejo entre os dois. Nele, um desejo bruto, de tomar o que lhe parece sem dono. Nela, uma curiosidade. Quer saber seu nome. Quer saber por que ele faz o que faz. O diálogo escapa ao comum, posições se invertem. O surpreso agora é ele, sem querer acreditar nas perguntas que ouve, respondendo sem saber por quê. A seguinte passagem do conto parece exemplificar bem essa indagação:

Me diz seu nome, diz. Ele se espantou. Que qui há, dona? A curiosidade começou a crescer. De um lado beirava o abismo, do outro o muro não deixava passar. É, o seu nome. Como você se chama? Os dois olhos do menino dançavam numa esquina e noutra. Acha que sou otário, é moça? Passar assim o serviço, sem nada. Qual é? Tem nome não, dona. É menino mesmo, ta falado? Ora, você tem que ter um apelido, ser chamado de alguma coisa. Sai dessa! (MELLO, 2000, p. 467).

Quando ele se aproxima ainda mais, acreditando perceber o que ela quer, uma “sacanagenzinha”, ela o percebe como um “náufrago”. A narradora/protagonista joga ao leitor ecos de Clarice com a frase: “o prazer é uma aventura perto do coração selvagem”. Os corpos se aproximam, fazem sexo, suam, trocam, ele goza, ela observa. No momento do ato sexual, registramos uma justaposição de papéis e uma espécie de interseção confirmada pelo desejo mútuo. Um dos indícios do conto que apoiam nossa premissa reside justamente na forma libidinosa e explícita pela qual a narradora/protagonista descreve o ato. As seguintes passagens do conto atestam tal suposição:

(...) E me batia uma vontade sem freios de beijar ele todinho, lambe aquela fome toda, saquear todos aqueles assaltos em nome de nada. Ele balançava o corpo contra o meu, metendo pela minha coxa. E avançava a avenida do meu corpo, acelerando entre um vão e outro (MELLO, 2000, p. 468).

(...)

Eu saboreava aquele fruto silvestre e ele pensava que transava com uma grã-fina, como gemia pra dentro. Gostosa, faz assim, abre mais. Eu deixava tudo. Ele passava a mão, esfregava o peito contra o meu, forçava a perna, mordida meu ombro, babava meu rosto todo e me chamava de puta, vaca, vagabunda... E eu flutuava, asas ao vento, subindo e descendo, acariciada pelos tapas, pela barba rala (MELLO, 2000, p. 469).

Em seguida, o “menino” a pega por trás; ela, sem vê-lo, se entrega ao prazer de suas mãos, de seu corpo inteiro. Ele ordena, então, que não se vire, que conhece aquele tipo de “puta velha”. Enquanto o rapaz se afasta, nossa narradora reconhece que naquele momento seu “corpo se confundia com a lataria do carro” onde havia se encostado e se encontrado.

Não se pode esquecer que no confronto entre os dois há uma mistura de medo e prazer como estrato principal da história. Outro dado fundamental verifica-se na configuração dos dois protagonistas. A mulher, de classe social mais alta, tem suas expectativas e valores que se opõem aos do assaltante. Há momentos em que ela o chama de “menino” e este dado é bastante significativo: por um lado atesta a marginalidade infanto-juvenil de nossa sociedade e, por outro, esse “menino” atua no enredo com todos os atributos de um adulto, seja no plano da sexualidade como no da

violência. Talvez o “menino” não seja tão menino assim, sendo apenas a forma como a narradora o percebe. Esse olhar teria condicionamentos e implicações sociais e de classe. Normalmente esses “meninos” são invisíveis aos olhos da classe média ou alta, tendendo a se tornarem visíveis apenas em determinadas ocasiões, como na situação traumática descrita no conto, uma espécie de corpo a corpo. Daí resulta o estranhamento nosso (e dela) diante da descrição física do rapaz: é menino, adolescente ou já um adulto? Outro dado importante que assinala a condição social do “menino”, de saída, é a forma grosseira como ele trata a mulher. Termos como, “puta velha” e “porrada,” entre outros, por si só já denotam uma linguagem rude, crua, destituída de qualquer estilização, que o atrelam ao universo pobre, ao contexto miserável a que pertence. Não obstante, essa estratégia da autora/narradora confere ao conto um dos seus pontos altos, pois tal linguajar irá contrastar de forma extrema com o lirismo que se instaura na narrativa; aliás, esse lirismo, recheado de metáforas bastante criativas, ao mesmo tempo suaviza a situação descrita, enfatizando o prazer que ela sente e apontando para seu vazio existencial.

Maria Amélia Mello, ao que tudo indica, desconstrói uma imagem ou representação que poderia ser muito apressadamente identificada com um simples estupro. Lendo o conto de ponta a ponta, percebemos que o que predomina ali são as trocas, o desejo, o corpo representado em fluidos e líquidos que são trocados nas ou apesar das trincheiras da violência urbana. Na abertura do conto nos foi apontado pela protagonista que “a primeira coisa que ele fez foi olhar para [seu] sapato”. Através de uma relação imediata é possível considerar que, pelo sapato, pela indicação de posses, de status social, ela poderia ter morrido nas mãos carentes e nem tão experientes do jovem assaltante; pelo desejo, pelo encontro de corpos também carentes, esse mesmo amante experiente poderia tê-la arrancado de seu torpor, como considera a narradora no momento em que ele apalpava todo seu corpo: “E agora esse menino vem mexer nas minhas veias e ativar meu sangue, sacudir a poeira das minhas estantes, ferir clarice e cole porter, rir alto de todos os pensamentos, de todas as teorias, bulir com improvável, liquidificar l'arousse com azulão” (MELLO, 2000, p. 468). O fato de utilizar nomes próprios e reconhecidos social e culturalmente em letras minúsculas, lado a lado com azulão, já indica que valores e ordens estão sendo questionados, que teoria e prática se enfrentam em contradição. Aliás, a dicotomia questão social/questão sexual representa exatamente um dos aspectos mais destacados no conto. Não há um masculino superior, mais forte, mais capacitado, nem um feminino frágil, delicado e vulnerável. A intrigante hierarquia ao avesso retrata a superioridade econômica da mulher em contraponto à miséria do rapaz. Porém, embora pertençam a classes sociais distintas, no momento do assalto/entrega ambos se rendem ao desejo, encontrando-se em posição de igualdade. É como se o conto tivesse a intenção de, à luz de um Rubem Fonseca ou de uma Hilda Hilst, impor ou instigar a inquietante reflexão: o sexo é o único viés através do qual pode ocorrer o encontro social quando se trata de classes tão díspares?

É inevitável nos questionarmos mais uma vez sobre a simbologia do próprio título do conto. Numa primeira leitura parece-nos óbvio: o cerrado refere-se à vegetação que surge em um terreno denso, seco, onde nada brota facilmente. Entretanto, o cerrado da história tem implicações bastante diegéticas e simbólicas. Diegéticas, pois parece ser o cenário, o ambiente escolhido para que a ação aconteça; simbólica, porque é exatamente nesse cenário seco, denso, quase infértil, de verdes contorcidos, que um ato sexual de proporções totalmente imprevisíveis irá acontecer. Flor de cerrado é ainda algo mais raro, nascendo em meio à dificuldade do solo, e isso se estabelece como um paralelo alegórico ao que a história retrata. Não nos cabe aqui verificar os graus de aproximação ou distanciamento da verossimilhança. Como visto anteriormente, a personagem da mulher é revestida de um vazio existencial aparentemente só preenchido por esse contato inusitado, como se lê: “e eu,

inerte, lhe confessava as sobras, o supérfluo, as cadeiras vazias reverenciando a mesa. Enfim, era somente uma bolsa de couro cru entupida de inutilidades fundamentais” (MELLO, 2000, p. 467).

O que não pode ser desconsiderado é que este encontro definitivamente irá desencadear um olhar diferente da mulher sobre si mesma, sobre o “menino” e sua miséria - um menino que é um anti-herói, ícone de muitos outros excluídos. Irá extensivamente desencadear o olhar dela sobre a própria vida. Não nos parece inoportuno lembrar que a própria estruturação da narrativa, que mescla violência e lirismo, fazendo com que as palavras da narradora ecoem em nossa mente pelo sentimento de perturbação que a própria história nos causa, desperta uma espécie de pacto entre esta voz e nós, leitoras(es); quase nos esquecemos de que o conto retrata um delito. Chegamos à tentação de imaginar tratar-se de um gesto, senão de amor, ao menos de compaixão entre dois seres vazios que se retroalimentam – a mulher oferece bens materiais e, em troca, recebe prazer e compensações para uma vida inerte, esvaziada.

Voltando ao terreno (desta vez, fértil) das metáforas, verificamos que elas têm uma dupla função na história: uma, já apontada – de estabelecer paralelos com a traumática situação descrita; a outra, muito mais valiosa a nosso ver – de despertar no leitor indagações acerca do próprio sentido da vida. Com o propósito de ilustrar nossa suposição, selecionaremos a recorrência do termo **água**, que nos parece compor a metáfora mais significativa ao longo do texto, observando os termos a ela vinculados, para, numa espécie de “reconhecimento do campo semântico”, discutir a simbologia ali imersa:

A ameaça vinda de um menino parecia um **rio** em busca do **mar**; (...) Éramos dois pensamentos, **bóias** luminosas em **alto-mar**; (...) Ninguém a ser salvo, a **correnteza**; (...) E ele logo percebeu que estávamos **desaguando** no meio do **mar**; (...) E ali **boiávamos**, lado a lado, **náufragos** de uma solidão ao contrário. (...) Depois de tanta **água**, tanto sal, a seca rachando a terra, flor enfiada no meio do barro, resistindo sabe-se lá o quê (...). Era um **náufrago. Molhado**, suado, debatendo-se para não morrer. Atirei-lhe um braço de **bóia**. Vem, sobe, te salvo. Ele se aproximou mais. (...) Eu queria **encharcar** as mãos dele de um prazer incontrolável, **naufragar** de vez numa **ressaca** e tragar a força dele sem a menor piedade (MELLO, 2000, p. 466-469, destaque nosso).

A bem da verdade, a carga simbólica recorrente no conto é bastante eficaz e coerente com o enredo apresentado. Da mesma forma como os seres humanos estão à mercê do que pode ocorrer em suas vidas, os dois protagonistas estão à deriva, como náufragos ansiosos por salvação ou redenção. Correm rumo ao inevitável, buscam-se como meio de sobrevivência – sobrevivência no que diz respeito a algo insuportável – a própria vida? Os indícios da história parecem indicar que sim. O mar flutua e tem ressacas, assim como a vida. O mar e a correnteza têm, por analogia, a vida e a morte em seu curso. Lembremo-nos ainda de que os protagonistas não possuem nome; a falta de identidade definida faz com que os interpretemos de forma universalizada; ou seja, aquilo poderia ocorrer com qualquer um.

Trilhando conclusões

Os ecos, presentes no texto, de Rubem Fonseca, Clarice Lispector e tantos outros, indicam que a autora está em diálogo com o que se passa no cenário literário brasileiro. Maria Amélia Mello, escritora contemporânea, reinventa temáticas de coloração naturalista e, neste sentido, não se furta ao exercício narrativo sobre o tema do erotismo conectado às questões sociais brasileiras. Com relação ao debate sobre se houve ou não estupro, a questão nos parece de menor importância. Essa dúvida é que

provoca uma abertura de possibilidades, que somente será satisfeita pelas particularidades de cada leitor(a) ou leitura. Há um possível veredicto fornecido pela própria narradora, que coincidentemente encerra o conto: “ele bem que podia ter me salvado” (MELLO, 2000, p. 470). Ainda assim, até mesmo esta última afirmação provoca uma dúvida inevitável que só amplia a qualidade temática e formal do conto. Significaria “salvar” ter evitado o assalto e o suposto “estupro”, ou significaria a redenção para um vazio existencial? O jogo encetado entre medo e desejo, juntamente com as metáforas criativas, nos levam a concordar com a última hipótese. O que percebemos no texto de Maria Amélia Mello é uma tentativa de pensar encontros potencialmente violentos de outra forma – um possível “assalto”, seguido de “estupro” pode desdobrar-se de outra forma, mudando a posição dos sujeitos envolvidos e mesmo a consequência de tais ações. Nossa narradora é quem conduz esta ação específica – ela estabelece os diálogos, desmonta a força de seu agressor, desperta outro tipo de aproximação que não a que lhe é ou seria imposta inicialmente. Obviamente nem a autora nem nossa leitura do conto pretende defender que a violência por si só justificaria qualquer manifestação de desejo ou satisfação através da força; ao contrário, acreditamos que se verificam, na produção literária de escritoras contemporâneas, neste caso, na narrativa de Mello, novas formas de discutir antigas relações de poder sob prismas que desarmam leituras pré-concebidas, automaticamente afinadas com os paradigmas hegemônicos de controle dos sujeitos. Assim, tais narrativas podem, sim, provocando a dissecação da teia social e do emaranhado dos laços de poder ali representados, trazer à tona um quadro de forças em competição e alternância, onde as posições de opressor e oprimido não estejam pré-definidas e seguras, e sim, em constante tensão e deslocamento entre gêneros que se apresentam em construção.

Difference and power relations in contemporary literature by women: an analysis of “Flor de Cerrado”, by Maria Amélia Mello

ABSTRACT:

This article discusses power relations and their links with the system of gender. Its goal is to check the way through which they have usually been represented in literary texts, as well as the way the so-called mainstream literary criticism tends to consider feminist rereadings of such relations and the consequent tension. Through the analysis of the short story “Flor de Cerrado”, by Maria Amélia Mello, a Brazilian contemporary writer, a short narrative which proposes an uncommon discussion on the significant field of significance involving terms such as ‘rape’, ‘violence’, ‘desire’ and ‘possession’, this article intends to elucidate new ways of action and resistance referring to interpellations promoted by texts whose themes imply the deconstruction of the established power and the genders according to the patriarchal norm.

Keywords: Power. Contemporary women writers. Gender. Violence. Difference.

Notas explicativas

- * Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Adjunta no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
- ** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Referências

- AHMED, Sara. *Differences that matter: feminist theory and postmodernism*. Cambridge: UP, 1998. 222p.
- CIRLOT, J. E. *A dictionary of symbols*. London: Routledge & Kegan Paul, 1976. 385p.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2004. 102p.
- LORDE, Audre. "The master's tools will never dismantle the master's house". In: MORAGA, Cherríe & ANZALDUA, Gloria (eds.). *This bridge called my back: writings by radical women of color*. 2nd. Ed. New York: Kitchen table, 1983. p. 98-101.
- MARCUS, Sharon. Fighting bodies, fighting words: a theory and politics of rape prevention. In: BUTLER, Judith & SCOTT, Joan (eds.). *Feminist theorize the political*. New York: Routledge, 1992, p. 385-403.
- MELLO, Maria Amélia. Flor de cerrado. In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 466-470.
- RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Trad. Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. 206p.
- ROONEY, Ellen. The literary politics of feminist theory. In: ROONEY, Ellen (Ed.). *The feminist companion to feminist literary theory*. Cambridge: Cambridge UP, 2006. p. 73-95.
- SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. *Revista estudos feministas*, Florianópolis, vol. 13, n.1, p.11-30, 2005.